

## Mística e Reminiscência: a memória Coletiva e o MST

Eduardo Mara<sup>1</sup>

### Quando a história entra em cena...

Em *A Dama na Água*, filme do diretor M. Night Shyamalan, Paul Giamatti vive Cleveland Heep, um zelador solitário e amargurado em um condomínio de pessoas comuns que vivem suas vidas isoladas umas das outras. Até o dia em que Cleveland recebe a visita inesperada de “story”, jovem moça que diz ser representante de povos submersos, seres aquáticos tentando entrar em contato com nosso mundo. Tentando ajudá-la, o zelador descobre-se envolvido em um antigo conto oriental que agora se apresenta como verdade e que, pouco a pouco, vai envolvendo não somente Cleveland, mas diversos moradores do prédio. Os fatos e os hábitos mais comuns dos moradores vão se revelando como sinais de sua importância e do papel que podem desempenhar ajudando *story* a retornar ao seu mundo. *Story*, por sua vez, para cada um dos moradores, mostra ser portadora de uma esperança, há muito perdida, de poder acreditar e fazer parte de algo maior, de dar chances aos sonhos, de inserir sua história pessoal em uma narrativa maior.

Tão marcada pelas oposições entre estrutura e sujeito, indivíduo e sociedade, indivíduo e história e tão convencida da morte das grandes narrativas pelas teorias funerárias da pós-modernidade, as Ciências Sociais parecem ter deixado de lado essa questão tão simples e que as imagens acima parecem querer retomar, a saber: o que acontece ao indivíduo e às suas relações quando essa dama estranha chamada História ocupa, sem pedir licença, o espaço de suas vidas?

O militante político de esquerda é aquele que, ao negar o estado de coisas vigente, se identifica com aqueles e aquelas que o fizeram antes dele e com os que o farão depois dele. O objetivo para o qual orienta sua vida o insere em uma dimensão temporal que extrapola os limites de sua existência individual. Ele herda e se remete frequentemente a uma experiência política anterior ao tempo em que vive e acredita que suas ações no presente serão parte da construção de um projeto que continuará depois dele.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) têm chamado atenção justamente por sua capacidade de articular as reivindicações imediatas da luta pela terra com um ideal de transformação mais amplo da sociedade, criando novas identidades e redesenhando a utopia no horizonte de mulheres e homens que o capitalismo já imaginava ter excluído

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CAPES.

definitivamente. Para o indivíduo, “ser do MST” é o que o insere em uma narrativa histórica que transcende os marcos de sua existência particular.

A forte presença da luta pela terra na história do Brasil se transforma num fio condutor que liga a história vivida no presente às gerações passadas. A própria chegada dos portugueses é pensada como um ato de expropriação da terra. A luta pela terra aparece a partir daí na resistência indígena ao colonizador, na fuga dos negros e na formação dos quilombos, nas revoltas camponesas de Canudos e contestado, nas ligas camponesas, etc.

O diálogo entre as Ciências Sociais e a História no campo dos estudos sobre tradição e cultura popular nos ajudarão a situar melhor essa relação entre passado e presente buscando, nos bastidores do discurso oficial, as vozes continuamente abafadas da história descrita pela modernidade.

## **A Memória Coletiva e a História**

Em *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs sublinha as relações sociais como espaço constitutivo de toda memória. Mesmo nossas lembranças mais particulares seriam acessadas através das lentes fornecidas pelos diversos grupos dos quais fazemos ou fizemos parte, desde a família, amigos, o trabalho, até instituições como o Estado, a nação, etc. É a vivência do grupo que filtra e até mesmo re-significa nossas lembranças. Memória e esquecimento estariam ligadas ao menor ou maior distanciamento dos grupos e contextos que servem de palco aos acontecimentos que queremos lembrar.

A própria inserção do indivíduo em um movimento social é inteiramente permeada por esses processos de filtragem e transformação da lembrança. É comum ouvirmos depoimentos de militantes relacionando sua adesão ao MST à momentos de rebeldia em sua juventude ou mesmo em sua infância, na revolta contra a família, na escola ou em uma espécie de intuição de que “havia algo errado com o mundo”. Mesmo em relatos onde esses “sinais” precoces de rebeldia não aparecem, a época anterior ao início da participação do indivíduo no grupo é descrita como um período de relativa inocência em relação à sociedade, às suas relações, à vida, etc. Ora, bastaria uma comparação entre esses relatos e alguns depoimentos de amigos de infância ou juventude “não-militantes”, ou seja, membros dos grupos de origem do indivíduo que não seguiram o mesmo curso, para encontrar imagens bem diferentes desse passado compartilhado. O novo contexto de participação política intensa redesenha a lembrança.

A importância dada à formação e à organização dos militantes nos assentamentos do MST envolvendo as diversas esferas de convivência do indivíduo (o núcleo de famílias, a juventude, as mulheres, etc.) contribui também para essa divisão da memória entre o “antes” e o “depois” da inserção no movimento.

Contudo, a nós não interessa somente o estudo da memória coletiva como a lembrança daquilo que foi vivenciado diretamente, de como o coletivo consolida ou transforma as lembranças do indivíduo, mas também e principalmente, como o insere em uma memória histórica mais ampla. Interessa entender como o coletivo pode evocar a memória de uma vivência coletiva muito anterior e à qual nenhum de seus membros presenciou e de como pode ligar a experiência pessoal dos seus membros à essa lembrança.

Trata-se, sem dúvida, de um exercício de memória coletiva ou de rememoração. Como dissemos, a história da luta pela terra no Brasil é tão antiga quanto a história do próprio Brasil. Para o MST, *lembrar* Canudos, Contestado ou, até mesmo, a resistência do Cangaço no sertão nordestino, é recuperar uma experiência passada que, embora anterior ao grupo, de alguma forma *lhe pertence* e que, sem ele, ameaçava se perder. A memória do grupo é, aqui, depositária de uma memória histórica que amplia os horizontes de sua vivência particular.

Para Halbwachs, no entanto, a própria expressão “memória histórica” seria uma contradição em termos já que só podemos lembrar daquilo que vimos, sentimos e já que toda lembrança tem de estar apoiada em um grupo do qual estamos mais ou menos próximos. A “nação”, enquanto palco dos acontecimentos históricos, encontra-se demasiado longe das relações vividas pelo indivíduo o que impossibilitaria servir de matéria às suas lembranças. Na verdade, em Halbwachs, a própria história só começa onde a memória coletiva termina:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas (...) Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes do passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança (...) esses fatos não interessam mais porque *lhe* são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p. 85)

Devemos perguntar, antes de qualquer coisa, a que se refere o termo história nesse contexto? É aqui que nos separamos de Halbwachs. Ele parece retirar da história toda sua qualidade de movimento confinando-a a apenas uma de suas dimensões: o passado. Trata-se de

uma concepção linear da história como um “cemitério de lembranças mortas”, que necessitam de registro por já não encontrarem, entre os vivos, grupos que lhes sirvam de testemunha. Ele confunde, assim, a história com o registro escrito da história e, com isso, acaba identificando toda história com a história oficial.

Em primeiro lugar, só seria possível representar os fatos históricos como o “*epitáfio dos acontecimentos de outrora*” (Id. p. 59), se imaginássemos os mortos se levantando e circulando livremente por entre os vivos, o que retiraria não só o sentido, mas também toda a seriedade da metáfora. É que a relação entre passado e presente não é uma rua de mão única, pois não é apenas o passado que define o presente, mas (e neste ponto Halbwachs estaria de acordo) é também o presente, as relações sociais presentes, os grupos nos quais nos envolvemos e o lugar que eles ocupam nas relações de poder presentes que define, organiza e dá sentido ao passado.

O presente necessita reviver o passado constantemente, isso não vale somente para as diferenças entre as memórias da infância de um militante do MST e de um “cidadão comum”, mas vale também para a memória histórica. Sem dúvida, para a grande maioria dos brasileiros a Guerra de Canudos não passa de “mais uma revolta” derrotada do passado, um dado histórico como outros a serem decorados em concursos públicos e provas de vestibulares. Para a militância do MST ela pode, no entanto, representar um elo de continuidade entre passado e presente. Canudos se faz presente pois é uma guerra que ainda está para ser definida no tempo presente, é “*a guerra que não acaba nunca*” (BOGO, 1999, p. 24). Antônio Conselheiro não é lembrado aqui como mais um personagem dos livros de história, mas como um *companheiro*, daí a “palavra de ordem”: “*Antônio Conselheiro!! Presente!! Agora, e sempre!!*”. É que, precisamente, o MST não é outra coisa senão esse grupo no qual a memória histórica das lutas camponesas pode apoiar-se e sem o qual ela se tornaria, de fato, uma lembrança morta nas páginas da história oficial.

Além disso, se o elo entre passado e presente dependesse apenas do registro da escrita, como seria possível pensarmos uma cultura popular? Estudos como *A letra e a voz* de Paul Zumthor ou *Costumes em Comum* de E. P. Thompson visam dar voz aos processos de construção de uma cultura do ponto de vista dos dominados, cujo alcance histórico dos costumes têm de contar com uma transmissão oral, de geração em geração. Para este último, o termo “cultura popular” designa, não um todo homogêneo, mas o palco de disputas entre interesses conflitantes capazes não só de oposições mas também de articulações e trocas entre o oral e o escrito:

(...) uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo,

a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um ‘sistema’.(THOMPSON, 1998, p. 17).

Seu estudo sobre a resistência da cultura plebéia nos fins da Idade Média revela-se atual e lança novos olhares sobre resistências populares em nosso tempo. Da mesma forma como a cultura plebéia “*assumira sua forma defensivamente, em oposição aos limites e controles impostos pelos governantes patrícios*”(Id), também o MST parte de desafios da disputa política no presente (os avanços e os retrocessos na reforma agrária, o grau de militarização do latifúndio, a relação com o governo central, etc.) para identificar a necessidade do reforço de certos hábitos e costumes entre os camponeses (o que engloba desde a disciplina até a necessidade de embelezar os assentamentos). Os costumes operam, assim, como um motor da ação política:

(...) eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros.(SIDER apud THOMPSON, 1998, p.22).

Trata-se, então, de identificar a forma específica como certos costumes são transmitidos no interior do movimento (em suas marchas, plenárias, assentamentos, acampamentos, etc.). Para o MST essa é a função da *mística*.

## **Quem Faz Sonhar o Poeta...**

A mística no MST aparece como uma espécie de centro organizador das suas práticas, conteúdos e simbologia. Ela é descrita como “*a força, o convencimento, a razão pela qual participamos da organização*”(Programa Nacional de Formação dos Militantes do MST, 2001, p. 21). Ela é um tipo de razão “não-racional” da organização, demonstrando que a preocupação com a formação dos militantes ultrapassa a antiga forma do “confinamento teórico”, comum ao modelo clássico de formação dos militantes comunistas.

A mística para os Sem Terra é mais do que uma palavra ou um conceito. É uma condição de vida que se estrutura através das relações entre as pessoas e as coisas no mundo material. Entre idéias e utopia no mundo ideal.(MST, Construindo o Caminho, 2001, p. 227).

Prática capaz de unir “as pessoas e as coisas”: como um movimento de camponeses, não só a ciência, mas também a própria contemplação da natureza aparece como fonte de interpretação do

mundo. Ela fornece os símbolos da tradição que tem nela, segundo Balandier, sua “*forma específica de presença no mundo*” (BALANDIER, 1997, p. 95). Como em *A Dama na Água*, os elementos naturais, a floresta ou a proximidade da água como refúgio das “energias misteriosas e dos poderes” (Id, p.101), representam o espaço de um caos reordenador do mundo. A árvore que nasce da terra é, nas representações feitas pelo movimento, o que une o **passado** mais longínquo, um tempo mítico onde homem e natureza formavam um todo integrado; o **presente** representando a luta, onde os frutos podem ser associados às vitórias ou à conquista de novos militantes e as ervas daninhas aos chamados “vícios” ou “desvios”, que devem ser cortados; e o **futuro**, onde as novas sementes representam a sociedade que nascerá de sua luta...

Nosso dever enquanto seres humanos é cuidar e fazer crescer esta grande árvore da libertação feita de gente, fincados na terra como nossos heróis, que se formam para ser semente, e eternamente nascer e renascer através desta árvore que é o povo. (BOGO, 1999, p. 118)

Como forma de comunicação que não se repete e onde aquele que recebe participa, por assim dizer, da mensagem que é recebida, a mística assemelha-se à *performance* descrita por Paul Zumthor em *A Letra e a Voz*, onde o conjunto da obra é “*o que é poeticamente comunicado, aqui e agora – texto, sonoridades, ritmos, elementos visuais...*” (ZUMTHOR, 1993, p. 220). Como na *performance*, os diferentes “públicos” acabam interferindo no conteúdo da mística. Assim, se os chamados “desvios” aparecerem de alguma forma nas relações vividas em uma reunião ou encontro, há grandes chances de sua crítica aparecer representada em uma das encenações que costumam abrir ou fechar os trabalhos.

Esta é outra função da mística, como na definição da narrativa feita por Walter Benjamin, a mística visa também dar um conselho. Essa é parte da dimensão utilitária da mística mas, como na narrativa, não se trata de qualquer conselho, mas de um “*conselho tecido na substância viva da existência*” (BENJAMIN, 1994 p. 220) ou, como na definição do próprio Movimento Sem Terra, a “*mística não se faz, se vive*” (MST, *Construindo o Caminho*, 2001, p.231). A isso, Benjamin chamará de *sabedoria*.

Existiria, na verdade, uma semelhança de origem entre narrativa e mística: ambas tem origem no hábito contemplativo do camponês sedentário:

Pelo convívio com a natureza, as relações sociais desenvolvidas e as formas de produção, mais o aprendizado histórico basicamente oral, através de contos e fábulas, a relação com as estações do ano e suas respectivas épocas de plantio e colheita, fazem com que se desenvolva um comportamento contemplativo. Imagina-se o futuro e sua finalidade. Todas as coisas tem sentido e finalidade nesta relação naturalmente estabelecida. (Id.)

A mística é, assim, aquilo que une a dimensão de um futuro visado como projeto, às qualidades que podem ser notadas por entre as contradições vivas do presente:

A mística é quem faz sonhar o poeta que manifesta seu sentimento através de letras que se entrelaçam para formar os versos, pelo simples fato de dar prazer a quem os lê. Faz sorrir o soldado na guerra, imaginando o dia do retorno para junto dos seus. Faz mover o guerrilheiro, que vê em sua frente a selva que deve transformar-se em massa no dia do triunfo. Faz o atleta cuidar de seu corpo para que este não falhe no dia da competição, e os namorados cuidarem da aparência física para colocar a beleza à disposição de ser tocada pelo amante. Esta sensação somente é explicada por quem a sente.

Benjamin atribuía o declínio da arte de narrar ao crescimento da importância da informação, onde os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. A informação elimina, assim, o “extraordinário”, o “miraculoso”, o mistério necessário tanto à narrativa quanto à mística. É isso, aliás, que faz da mística um estímulo à ação e participação no grupo:

Esta força que nasce traz energia. Mantém o lutador do povo ativo e entusiasmado. (...) Em tudo há algo a explicar. É por isso que o ser humano tem esta motivação eterna de buscar compreender este algo a mais que está escondido, deixando-se mostrar de forma obscura mas atrativa, para provocar a curiosidade do caminhante, que vê apenas uma réstia do todo que deve ser desvendado. (MST, Construindo o Caminho, 2001, p.228)

Esse mistério, esse algo a ser desvendado na história que é contada é o que dá nova vida ao acontecimento. De outro lado, a imagem da história como um amontoado de “fatos mortos” caberia bem à história como informação. Por já vir explicado, desvendado e por não trazer necessidade alguma de reflexão, na informação o fato torna-se passado tão logo se anuncia no presente, ele morre tão rápido quanto nasce. Na narrativa ou na mística, embora ambas nunca se repitam da mesma forma, há sempre o interesse em preservar o que é narrado nos corações e mentes de quem vê e de quem ouve.

Como entre os gregos, onde a memória tinha lugar na forma da deusa *Mnemosyne*, musa da poesia épica, a mística é o que estabelece a ligação com esse espaço da memória que, por não ser imagem estática do passado (ou do futuro) não se concretiza em texto ou fotografia. Estaríamos diante do que Benjamin define como *reminiscência*, ou seja, daquilo que “*funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração*” (BENJAMIN, 1994, p. 211).

A necessidade de salvar o passado no presente não estaria, ao contrário do que nos apresenta Halbwachs, ligada somente ao registro da escrita. O passado estaria em disputa no

presente, possuiria um sentido que espera para ser *realizado* no presente. O passado, ainda segundo Benjamin, apenas lampeja como imagem no presente, seu sentido só pode ser buscado na realização do futuro visado, sem ele tal imagem arrisca se perder em definitivo para a história, se esta continuar a ser escrita pelos vencedores: “*O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer*”(Id. p. 224-225).



## **Bibliografia:**

- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BALANDIER, Georges. Desordem na tradição. In: \_\_\_\_\_. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.
- MST. *Construindo o caminho*. Julho de 2001.
- BOGO, Ademar. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- MST. *Programa Nacional de Formação de Militantes e da base do MST*. Julho de 2001.